

## No Rasto da Carne

A escura floresta de abetos espalhava a sua sombra ao longo das margens do rio gelado. Um vento recente despira as árvores do seu manto branco de gelo e elas pareciam inclinar-se umas sobre as outras, negras e ameaçadoras na luz que se toldava. Reinava um grande silêncio sobre a terra. Quanto à própria terra era uma desolação, sem vida, sem movimento, tão só e tão fria que não era sequer o da tristeza o espírito que a habitava. Havia nela como que o assomo de um riso, de um riso mais impiedoso do que qualquer tristeza, sombrio como o sorriso da Esfinge, frio como o gelo e cortante como a treva da fatalidade. Era a poderosa e incomunicável sabedoria da eternidade rindo da futilidade da vida e do esforço da vida. Era o Mundo Selvagem, o feroz Norte Selvagem de coração gelado.

Mas *havia* vida, e o seu desafio sobre a terra, por toda a parte. Ao longo do curso de água gelado movia-se com esforço uma matilha de cães-lobo. Tinham a pelagem farta eriçada de pedaços de gelo. A sua respiração, ao sair-lhes das bocas, gelava no ar, condensando-se numa espuma de vapor que subia e se depositava depois na sua pelagem, transformando-se em cristais brancos. Os arreios de couro mantinham os cães solidamente atrelados a um trenó que arrastavam com esforço. O trenó não tinha patins. Era feito de uma robusta madeira de bétula, e a sua parte de baixo assentava directamente na neve. A parte anterior levantava-se num rolo que empurrava e repelia a massa da neve que se acumulava à sua frente como uma vaga. Sobre o trenó, solidamente presa por correias, havia uma comprida caixa oblonga e

estreita. Havia também outros objectos a bordo do trenó — mantas, um machado, uma cafeteira e uma sertã; mas era a comprida caixa oblonga e estreita que sobressaía, ocupando a maior parte do espaço.

À frente dos cães, com um par de grandes raquetes de neve nos pés, um homem andava penosamente. Atrás do trenó, afadigava-se um segundo homem. A bordo do trenó, jazia um terceiro homem cujos trabalhos tinham chegado ao fim — um homem que o Mundo Selvagem dominara e a quem batera e que nunca mais voltaria ao combate. O Mundo Selvagem não tem por regra gostar do movimento. A vida é para ele uma ofensa, porque a vida é movimento, e o Mundo Selvagem tem sempre como propósito destruir o movimento. Gela a água para a impedir de correr para o mar; esgota a seiva das árvores até gelar os seus corações potentes, e sobretudo o Mundo Selvagem encarniça-se da maneira mais feroz e terrível, para o submeter e aniquilar, contra o homem — o homem que é a vida mais inquieta, sempre revoltada contra o destino que quer que todo o movimento acabe por desembocar na abolição do movimento.

Mas adiante e atrás do trenó, intrépidos e indomáveis, persistiam no seu esforço os dois homens que ainda não tinham morrido. Traziam os corpos cobertos de peles e de couro curtido e macio. Tinham as pestanas, as faces e os lábios de tal modo recobertos dos cristais de gelo em que a sua respiração se transformava, que não se lhes distinguiam os rostos. Ficavam com a aparência de máscaras de fantasma, de coveiros de um mundo espectral no enterro de um fantasma. Mas para além de todas as aparências eram homens, penetrando a terra da desolação, do engano e do silêncio, frágeis aventureiros decididos a enfrentarem uma aventura colossal, precipitando-se contra o poder de um mundo tão remoto e estranho e inerte como os abismos do espaço.

Avançavam sem falar, poupando o fôlego para o esforço dos seus corpos. O silêncio abatia-se sobre eles de todos os lados como uma presença tangível. Pesava sobre as suas almas como as muitas atmosferas das águas profundas pesam sobre o corpo do mergulhador. Esmagava-os com o peso de uma vastidão sem fim e de uma sentença inamovível. Esmagava-os nos recessos mais escusos das suas próprias almas, espremendo deles, como o sumo da uva, todos os falsos entusiasmos e exaltações e presunções vãs da alma humana, acabando por os fazer sentirem-se finitos e pequenos, manchas e

pontos ínfimos que se agitavam com fraca habilidade e pouca sabedoria no meio dos lances e contra-lances dos elementos e grandes forças cegas.

Passou uma hora, e depois uma segunda hora. A luz pálida do dia breve e sem sol começava a toldar-se, quando um ténue grito ao longe subiu no ar quieto. Aumentou com uma intensidade rápida, até atingir uma nota mais aguda, vibrante e tensa, para depois se extinguir lentamente. Podia ser uma alma penada gemendo, mas parecia animado por uma certa ferocidade triste e uma avidez devoradora. O homem da frente moveu a cabeça até os seus olhos encontrarem os olhos do homem de trás. E então, por cima da caixa estreita e oblonga, menearam a cabeça um para o outro.

Um segundo grito subiu no ar, trespassando o silêncio como um agulha acerada. Os dois homens localizaram a origem do som. Vinha das suas costas, algures da extensão de neve que acabavam de atravessar. Um terceiro grito de resposta veio também de trás, à esquerda do segundo.

— Vêm atrás de nós, Bill — disse o homem da frente.

A sua voz soou rouca e irreal, e era evidente que falara a custo.

— A carne é pouca — respondeu o seu camarada. — Há já dias que não vejo rasto de um coelho.

A seguir não falaram mais, embora mantivessem o ouvido atento aos gritos de caça que continuavam a levantar-se na sua esteira.

Ao cair da noite reuniram os cães no meio de um maciço de abetos na margem do rio e acamparam. O caixão, junto à fogueira, serviu-lhes de assento e mesa. Os cães-lobo, anichados do outro lado da fogueira, rosnavam e brigavam uns com os outros, mas não manifestavam a mais pequena intenção de se afastarem trevas dentro.

— A mim parece-me que os cães estão muito perto do acampamento, Henry — observou Bill.

Henry, agachado junto à fogueira e pondo na cafeteira um bocado de gelo, meneou a cabeça. Não falou até ao momento de tomar assento na tampa do caixão e de começar a comer.

— Sabem onde têm a pele a salvo — disse ele. — Antes querem comer do que ser comidos. São cães muito espertos, estes aqui.

Bill sacudiu a cabeça: — Oh, não sei.

O seu camarada olhou para ele com uma expressão curiosa: — É a primeira vez que te ouço dizer alguma coisa sobre a falta de esperteza deles.

— Henry — disse o outro, mastigando conscienciosamente os feijões que tinha na boca —, por acaso não notaste que os cães estavam mais remexidos quando lhes dei a comida?

— Sim, estavam mais mexidos do que o costume — admitiu Henry.

— Quantos cães trouxemos, Henry?

— Seis.

— Bem, Henry... — Bill interrompeu-se por um momento para que as suas palavras se carregassem mais plenamente de sentido. — Como eu ia dizendo, trouxemos seis cães, Henry. Tirei do saco seis peixes. Dei um peixe a cada cão, e vi que faltava um peixe, Henry.

— Contaste mal.

— Trouxemos seis cães — continuou o outro desapassionadamente. — Tirei seis peixes do saco. O Orelha Mocha ficou sem peixe. Tive de ir buscar outro ao saco para lho dar.

— Só trouxemos seis cães — disse Henry.

— Henry — continuou Bill —, não digo que todos sejam cães, mas foram sete peixes para sete bocas.

Henry parou de comer relanceando o outro lado da fogueira e contando seis cães.

— Só lá estão seis agora — disse ele.

— Mas eu vi o outro fugir pela neve — anunciou Bill num tom friamente positivo. — Vi sete.

O seu camarada olhou-o com comiseração e disse: — Vou sentir-me feliz quando esta viagem acabar.

— O que é que queres dizer com isso? — perguntou Bill.

— Quero dizer que o carregamento que trazemos está a dar-te cabo dos nervos e que tu estás a começar a ver coisas.

— Já pensei nisso — respondeu Bill gravemente. — E por isso, quando o vi a correr pela neve, olhei para a neve e vi o rasto dele. Depois contei os cães e só havia seis. O rasto ainda aí está na neve. Queres ver? Eu mostro-te.

Henry não replicou, mas continuou a mastigar em silêncio, até que, acabando de comer, rematou a refeição com uma última chávena de café. Limpou a boca com as costas da mão e disse:

— Então pensaste que fosse...

Um prolongado uivo queixoso, de uma tristeza feroz, veio algures da treva e interrompeu-o. Henry calou-se a escutá-lo, e concluiu

depois a frase acenando com a mão na direcção de onde viera o uivo: — ...um deles.

Bill assentiu com a cabeça. — Raios me partam se não foi isso que pensei. Mas tu também deste pelo alarido que os cães fizeram.

Um uivo a seguir ao outro, e outros uivos que lhes respondiam, transformavam o silêncio num tumulto. Os uivos vinham de todos os lados, e os cães traíam o medo que sentiam encolhendo-se uns por cima dos outros, tão perto da fogueira que esta lhes chamuscava o pêlo. Bill pôs mais lenha no lume, antes de acender o cachimbo.

— Acho que estás um bocado em baixo — disse Henry.

— Henry... — Fumou meditativamente o cachimbo por um momento antes de continuar: — Henry, eu estava a pensar que o raio da sorte dele é bem melhor do que o raio da tua e da minha aqui.

Indicou o terceiro de quem falava virando o polegar para baixo, apontado para a caixa em cima da qual estavam sentados.

— Tu e eu, Henry, quando estivermos mortos, já teremos muita sorte se tivermos a cobrir-nos a carcaça pedras suficientes para que os cães não nos cheguem.

— Mas nós não temos criados e dinheiro nem nada dessas coisas todas que ele tinha — concordou Henry. — Um funeral de longo curso não é propriamente coisa que possamos permitir-nos.

— O que me faz confusão, Henry, é por que razão um tipo como ele, que era um senhor ou lá o que era na terra dele, sem ter de se preocupar com a maneira de arranjar nem comida nem mantas, acabou por vir meter-se neste fim do mundo esquecido por Deus, é isso que não sou realmente capaz de entender.

— Podia ter vivido até uma bela idade avançada se tivesse ficado onde estava — reconheceu Henry.

Bill abriu a boca para falar, mas mudou de ideias. Em vez de continuar, apontou para a muralha de treva que se fechava sobre eles por todos os lados. Não se adivinhava ou entrevia uma forma na escuridão cerrada; tudo o que podiam ver era um par de olhos que cintilavam como carvões em brasa. Henry indicou com a cabeça um segundo par de olhos, e um terceiro. Um círculo de olhos incandescentes rodeava o acampamento. Uma e outra vez um par de olhos movia-se, ou desaparecia para voltar a aparecer no momento seguinte.

O desassossego dos cães aumentava, levando-os a mudarem-se, impelidos por um súbito susto, para o outro lado da fogueira, encolhendo-